



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 21 de maio de 1854 – Edição 21

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00021.pdf

3º ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 21 DE MAIO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Depois de ha dous annos e meio havermos cumprido a todo o custo os nossos compromissos para comvosco, Senhoras, um dia chegou em que esse nosso capricho e dedicação foi de assalto accometido por um incidente inesperado que nos obriga a faltar-vos á parte fundamental do nosso programma.

Não recebemos este mez os nossos figurinos pelo paquete de Southampton, como ha muito está determinado, e em não interrompida pratica estabelecido; ficámos portanto sem figurinos para dar-vos este mez: cada uma de vós avaliará o sentimento que nos punge por semelhante causa.

Não sabemos ao que attribuir tão censurável interrupção, que de certo não está nos hábitos da casa commercial do Rio de Janeiro que desta encomenda é encarregada.

Entretanto não será esta falta prolongada por muitos domingos, pois que temos a mais inteira confiança em os nossos correspondentes, tanto da corte como de Pariz, e pelo primeiro ou segundo paquetes do mez de Junho necessariamente devem chegar todos os nossos figurinos que forão retardados.

De qualquer fôrma que seja, asseguramos a todas as nossas assignantes que lhes daremos, de uma só vez, logo que chegarem, tantos figurinos quantos forem os domingos em que estivermos em falta para com ellas.

Neste intervallo porém, para lhes prestarmos um fiel testemunho das boas disposições que nos animão e do nosso vivo reconhecimento á constante protecção que tem alcançado o nosso Jornal, resolvemos ir dando, em todos os números que se forem publicando, algumas importantes e lindas gravuras, cujas chapas são de grande valor, e só por especialissimo favor do seu proprietário, a quem estamos summamente agradecidas, podemol-as obter.

Será deste modo, Senhoras, á custa de sacrificios, que poderemos suavisar um pouco o desgosto de vermos commettida uma falta, cuja responsabilidade recae infelizmente sobre nós. Appellamos pois para a vossa generosidade em nosso favor, Senhoras; e se até aqui tendes sido constantes em proteger a empreza do *Jornal das Senhoras*, nesta crise por certo não retirareis a mão benigna que nos tem corajosamente sustentado.

A REDACTORA EM CHEFE.



RAPHAEL SANZIO.

Sanzio (Raphael) nasceu em Urbino no anno de 1483, e morreu em Roma a 7 de Abril de 1520, contando apenas 37 annos de idade, e sendo já o maior e o mais fecundo dos pintores modernos.

Chegado Raphael á idade de 17 annos, deixou a escola do mestre Vanucci, onde estudara tres annos, e, entregando-se aos vãos da sua inspiração, pintou um S. Nicoláo que se poderia tomar por obra de Perugino. Depois de pintar mais alguns quadros que se recommendavão já por um estylo novo e por uma graça até então desconhecida nas physionomias, nas attitudes e

nas roupagens, partiu Raphael para Florença afim de estudar os chefes d'obra antigos que possuem os palácios dos Medicis. As suas primeiras produções offerecião uma execução tão preciosa, que, segundo a opinião de Vasari, era impossível haver maior perfeição.

Chegando a Roma o echo da sua fama, convidou-o Julio II para pintar as salas do Vaticano. Para esse effeito partiu Raphael de Florença no anno de 1508,

— 163 —

e, sendo recebido pelo pontífice com as maiores honras, foi encarregado de pintar a sala chamada *della Segnatura*. E' a sala em que se vêem as quatro grandes composições, a que se deu os titulos seguintes: a disputa do *Santíssimo Sacramento*, *a escola de Athenas*, *o Parnasso*, *a jurisprudencia*. Apenas Raphael terminou o primeiro destes quadros, ordenou Julio II que se destruíssem as obras que nestas salas tinham executado os pintores de maior nome que então possuia Roma. Esses quadros mostram que o talento de Raphael ia sempre em progresso e que se desenvolvia pela sua própria força.

Miguel Angelo concentrou todos os seus estudos nos do desenho, e foi o maior dos desenhadores; Raphael, porém, procurou reunir o maior numero possivel dos elementos da arte, e foi o pintor mais completo que jamais existiu. O seu fim principal era o bello que a natureza apresenta á arte, mas que só a imaginação do artista pode comprehender, e que só o gênio pôde realisar.

Raphael acabava essas magnificas pinturas do Vaticano, cuja analyse exigiria um volume, e tinha attingido já o mais alto gráo de perfeição, nisso a que se chama o seu segundo estylo.

Encarregado, como herdeiro de Bramante, que apenas tinha lançado os alicerces do palco do Vaticano, de continuar a architectura, elevou a obra a tres ordens de galerias, e ornou-a, á imitação do gênero antigo, com pinturas arabescas que dirigiu com esse gosto que sabe coordenar todas as partes, fazer escolha dos detalhes mais felizes e empregar na sua execução o talento que melhor lhes convém. Esta construcção seria de per si sufficiente para que o nome de Raphael podesse figurar na lista dos melhores architectos, se não soubéssemos que foi elle quem traçou o plano da igreja de S. Pedro, o mais bello que era possível imaginar no systema das igrejas modernas.

Mas o que deu maior renome ao gênio de Raphael, forão as suas infinitas e inimitáveis representações da Virgem. Se nenhum pintor rivalisa com Raphael no numero e variedade deste gênero de composições, tambem nenhum se lhe approximou na propriedade de character nestes

sujeitos em que devem reunir-se todas as idéas de innocencia, de graça, de nobreza, de pureza virginal, de santidade e de ternura religiosa.

Raphael havia tocado o apogeu da sua gloria, e tudo contribuía para tornal-o uma personagem muito importante em Roma. Só delle se fallava e das suas admiráveis obras; o quadro em que todos reconhecem o accordo do maior numero dos méritos da pintura, aquelle em que o artista mais mostrou a excellencia do pincel, a força do colorido, a magia do claro-escuro, em uma palavra, a *transfiguração*, estava acabada, e foi então que Raphael morreu na idade de 37 annos. Quem pôde dizer o que elle teria feito se tivesse vivido mais!...

...

SERA' ISTO HISTORIA?

Era um dia... não, era uma noite. N'um desses formosos arrebaldes da cidade, n'uma poética casa de campo, dava-se um baile. Um baile! oh! que cousa tão bella! Já se sabe, dançava-se, cantava-se, passeiava-se, e em uma palavra namorava-se tambem. Um priminho dançou tres contradanças com a amável priminha, e como, era provável, dizia estar cansado, e dirigiu-se no seu passeio para o jardim. Mas o meu jovem era ciumento, e embirrou com um *bouquet* de violetas que trazia a priminha. Como é lindo uns ciumesinhos entre dous corações que se amão?

— Oh! você não tem razão; não lhe tenho dado eu tantas provas de meu amor?

— Mas essas violetas?...

— Apanhei-as hoje á tarde no jardim.

— Mas em vossa casa não as ha.

— Foi no Engenho Velho, na chácara de titio.

— E formaste tão lindo *bouquet*, e o amarraste com essa fitinha verde?

— Sim, porque tinha tenção de dal-o a você...

— Oh! então perdão...

E beijou o raminho de violetas, que passou ás mãos do priminho; e voltarão á sala a dançar uma valsa ingleza.

D'ahi a oito dias, no oratório de uma chácara, celebrava-se o casamento destes dous jovens, e um bouquet de violetas murchas trazia o noivo na mão. Oh! quão feliz é quem ama, e vê corados seus desejos.

Clarinha.

A vida humana.

Sempre julguei, diz um autor moderno, que a vida é mui curta, para que percamos uma parte della em nos affligirmos com a prosperidade dos outros.

Um bom conselho.

O melhor meio de nos não enfastiarmos com os outros, é de não fallarmos a seu respeito, e este é o melhor partido que podemos tomar para que os outros se não enfastiem connosco.

— 164 —

VISTA EXTERIOR DE NOTRE-DAME.



A CATHEDRAL DE NOTRE-DAME DE PARIS.

A origem desta cathedral monta ao IV século, no tempo do rei Childeberto; porém o magnifico edificio que hoje existe, e cuja frontaria apresenta a nossa estampa, foi construído no reinado de Felipe Augusto, por Mauricio de Sully, sobre as ruínas da antiga igreja de Nossa Senhora. O altar mór foi consagrado em 1182 na festa de Pentecostes; e uma antiga inscripção encontrada em uma das janellas, prova que no anno de 1257 ainda se continuavão as obras, as quaes só forão concluídas no XIV século. Vê-se, pois, que se levarão mais de tres séculos a construir este soberbo edificio. E não obstante este longo espaço de tempo, e os differentes artistas que necessariamente deverião dirigir os trabalhos, reina em toda esta vasta construcção uma perfeita harmonia. Os francezes julgavão naquelles tempos que a sua igreja de *Notre Dame* (Nossa Senhora) era o maior e o mais magestoso templo da christandade.

O nosso templo da Batalha bastaria a provar o erro desta opinião.

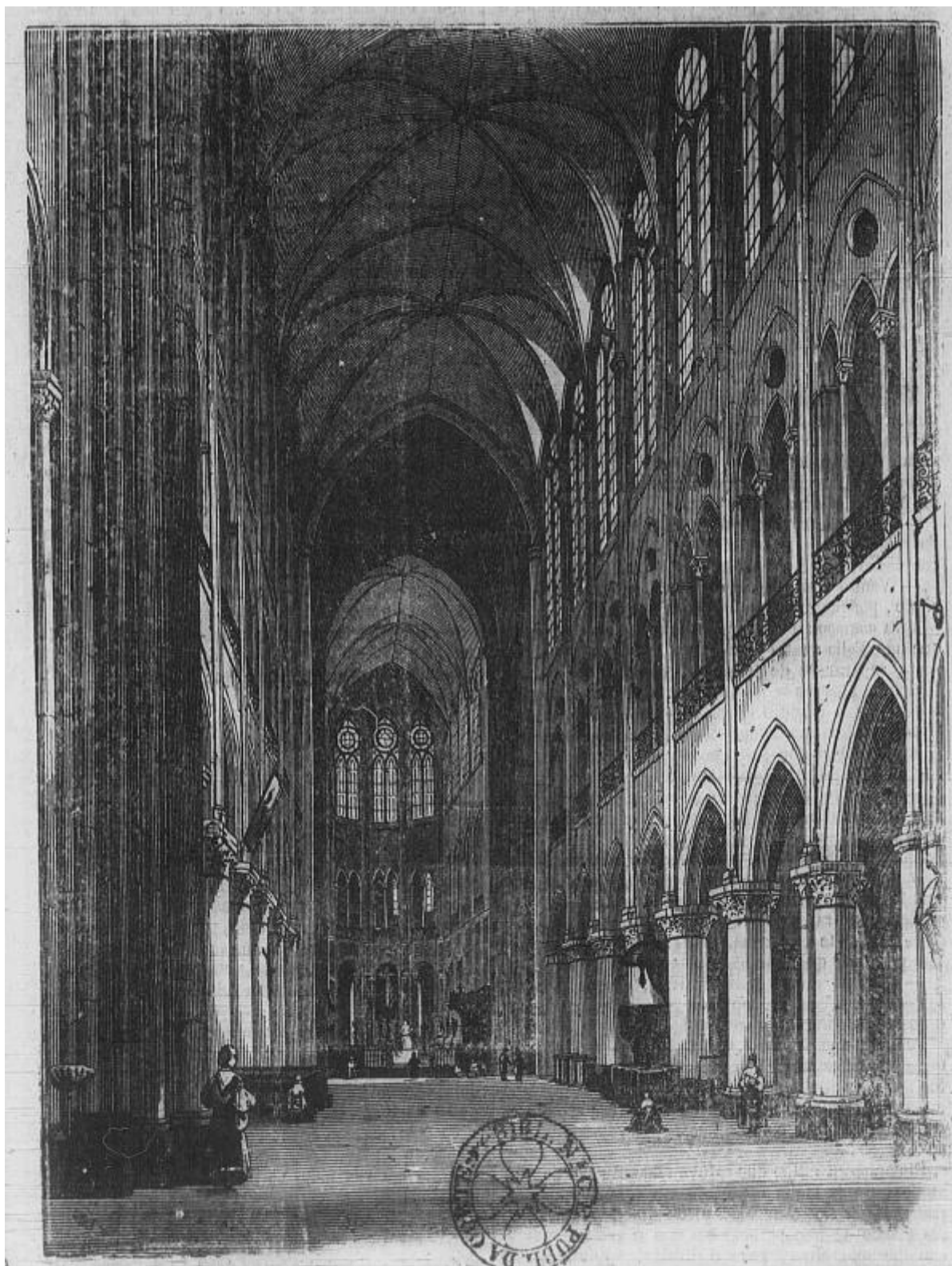
Antigamente subia-se a esta igreja por uma escadaria de treze degrãos: hoje o terreno está ao nível da porta. A fachada apresenta três pórticos carregados de esculpturas e ornatos; são, pela maior parte, scenas tomadas no antigo testamento, e representadas com a imaginação exaltada e no estylo burlesco dos esculptores daquelles tempos. No pórtico do lado do norte ha um zodiaco, cujas figuras são tomadas do zodiaco grego, excepto a de Ceres que fórma o XI signo, a qual, por uma extravagancia própria do tempo, representa a Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços.

As portas dos dous pórticos lateraes são cobertas de ornatos de ferro, entrelaçados com demasiada profusão, porém trabalhados com muita delicadeza, o que, se mostra o máo gosto do século, prova ao mesmo tempo o adiantamento em que então se achavão as artes.

Por cima dos pórticos corre em todo o comprimento da fachada uma espécie de galeria formada por vinte e sete nichos, os quaes erão antigamente occupados por outras tantas estatuas de reis de França, desde Childeberto até Felipe Augusto; mas estas estatuas forão dali derribadas durante os vertiginosos dias da revolução. Por cima desta ordem de nichos está a grande rosa, ou janella circular, que dá claridade á nave da igreja; dos lados, as duas varandas, cada uma de duas janellas, apresentam em seus abundantes ornatos primorosos pedaços de esculptura. Este terceiro corpo da fachada é coroado por um peristilo sustentado por trinta e quatro columnas mui delgadas, mas feitas de uma só peça:

uma delicada balaustrada guarnece a cimalha. As duas torres que rematão a frontaria são de obra tão delicada como o resto da fachada, e têm duzentos e quatro pés de altura.

VISTA INTERIOR DE NOTRE-DAME.



A igreja, no seu interior, é repartida em cinco naves: uma grande, e quatro pequenas. Em torno della se contárão já quarenta e cinco altares e capellas, que se achão hoje reduzidos a trinta e dous.

— 166 —

As naves são divididas por cento e vinte pilares, que sustentão as abobadas. Em torno da grande nave e do coro, correm galerias sustentadas por cento e oito columnas pequenas de uma só pedra. O coro tem cento e quinze pés de comprimento e trinta e cinco de largo; é occupado por cadeiras de madeira de carvalho, esculpidas com um trabalho e delicadeza admiráveis; são tudo baixo-relevos representando passos da escriptura. A maior parte dos pilares são redondos, e terminados por um grosso capitel de folhas de acantho. Dentre todos estes pilares não ha senão seis que formão cada um como um feixe de columnas, tudo de uma só peça, desde o pavimento até a abobada, e é sem duvida á falta de solidez de todos os outros pilares que se deve attribuir a pouca elevação das abobadas. Os baixos-relevos e figuras do interior são de um gosto menos extravagante, mas tambem de obra muito mais grosseira que os do exterior.

Antes da revolução, havia nas torres um famoso carrilhão; porém, durante ella, se tirarão alguns sinos, cuja falta fez perder a afinação de todos os outros.

(Ext...)

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 20.)

Assim correrão dous mezes de ouro, durante os quaes via Mira todos os dias. Por fim chegou a ordem de reunir-se ao exercito; de ha muito que a esperava, e com tudo feriu-o como um raio! Depois de fazer os necessários preparativos para a marcha, foi logo de manhã visitar Mira.

— Oh! quanto folgo por vos ver tão cedo! disse-lhe ella correndo a enconral-o; vindes passar o dia comnosco, não é assim?

— Venho sim, mas é o ultimo, respondeu Henrique, porque recebi ordem para marchar.

Mira começou a chorar, e disse-lhe com candura que não podia conter as lágrimas, pois via ser a sua sorte separar-se de todos os que lhe erão caros. Henrique apertou-a nos braços, e ahi confessarão a sua mutua affeição. Declarou-lhe então que era homem de fortuna independente, que ia pedir a sua demissão, e pintou-lhe o porvir com as cores mais lisongeiras. Mira respondeu-lhe:

— Acredito tudo quanto me dizeis, reconheço que me amais só por mim, porque nunca me perguntastes quem sou e o que sou. Oh! quanto dera eu para ser filha deste valle! Mas eu não sei á que paiz pertenço, e o negro mysterio do meu nascimento persegue-me como um espectro...

Henrique tranquillizou-a e disse-lhe:

— Tenho-te em meus braços, pérola preciosa, e não pergunto que mar te produziu.

— Mas ao menos, disse Mira, deveis ver as feições da pessoa que me protegeu, que me educou e que me tornou digna da vossa affeição.

Pegando-lhe na mão, conduziu-o a um quarto onde Henrique ainda não tinha entrado, e mostrou-lhe ahi um retrato pendurado na parede.

— Meu Deus! bradou Henrique estremecendo e cobrindo os olhos com as mãos. Que vejo! Miranda de Aragão!

Reconheceu então que estava no santuário do seu amigo, e que tinha captivado um coração que mal podia ainda ter esquecido o amante que perdera. No estado de desesperação em que se achava, pareceu-lhe que Mira, para o illudir, só fallára do objecto que tanto a amara como de um pai carinhoso, como de um homem a quem consagrava affeição filial.

Mira ia manifestar-lhe o grande prazer que sentia por conhecer elle o seu bemfeitor, quando o viu desprender-se de seu braço e cahir na mais profunda melancolia! Sem saber a que attribuir tão extraordinária e súbita mudança, pediu-lhe que lhe explicasse o motivo da sua dor. Quando Henrique fitou os olhos no seu rosto amável e ingenuo, desvanecerão-se todas as suspeitas. Contou-lhe sem reserva as relações que tivera com Miranda, e a confissão que este lhe fizera do amor que consagrava a Mira.

— Não! exclamou ella; amei-o como filha carinhosa e grata! Nunca poderia ser sua mulher; e talvez fosse uma felicidade que tão illusórias esperanças terminassem.

Mira recordou-se então do passado com sentimentos de tristeza; a imagem do seu bemfeitor, que até agora occupára um lugar no seu coração, grato, semelhante ao de um pai nas affeições da sua família, parecia-lhe a imagem de um estranho, e as suas feições repugnantes. Emquanto Henrique a contemplava, apoderou-se outra vez de sua alma o doce pensamento de que não tinha Mira a olvidar illusões da mocidade. A velha, que não era affeioada a Miranda,

lançou-lhe as maiores invectivas, accrescentando que guardára elle sempre o mais profundo silencio acerca do seu estado e fortuna, e que, posto durante a sua vida nada lhe faltasse, agora as deixara no mundo pobres e desamparadas.

Mira pediu-lhe que se calasse, dizendo que era Miranda homem generoso e que a sua memória lhe seria sempre grata.

— Talvez que assim seja, respondeu a velha, deveis-lhe a vossa educação; mas cumpre não esquecer que vos roubou a vossa mãe.

— Não! bradou Mira; fui eu confiada a seus cuidados, e muitas vezes me assegurou elle que empregára em vão todos os meios para obter noticias de minha mãe.

— Enganou-vos! tornou a velha; tenho toda a certeza de que fez os maiores esforços para não ser descoberto, e que comprou esta casa para occultar-vos até que fosseis sua mulher.

— Oh! minha pobre mãe! disse Mira com os olhos

— 167 —

arrasados d'agua, quantos trabalhos não terás tu passado correndo o mundo em busca de tua filha!

Henrique, não duvidando já de que na Judia vira a mãe de Mira, relatou-lhe tudo o que sabia, sem comtudo tocar na historia anterior de Miranda. Mira ouviu o seu amante com o maior prazer, porque esperava agora poder descobrir sua mãe, e contou-lhe toda a sua vida. A sua pátria julgava ella ser a Hespanha. Lembrava-se que tinha sido creada em uma cidade grande, e que muitas vezes tinha ido com sua mãe a um convento, onde uma das freiras a recebia sempre com o maior carinho. O convento estava ainda tão vivo na sua memória, que tinha ella a convicção de o conhecer se tornasse a vel-o. Quando tinha seis annos de idade, começou sua mãe a viajar com ella, e foi então que, pela primeira vez a viu em trajes de judia. Depois de terem vagamundeado muitos annos; demorárão-se em uma pequena villa de França mais tempo que o costumado. Ahi, na casa em que moravão, estava Miranda curando-se das feridas que recebera, e como parecia estar só e ao desamparo, sua mãe, talvez por commiseração, encarregára-se de tratá-lo, e a ella de servir-lhe de enfermeira: depois, quando sua mãe por motivos inexplicáveis, a abandonou secretamente, affeiçãoou-se ella a Miranda como o único protector que lhe restava no mundo.

Quando Mira acabou de referir a sua historia, as sombras da montanha recordarão a Henrique que devia partir. Prometteu deixar o serviço na primeira occasião, viver só para ella, e despediu-se tendo a certeza de que era amado.

Saint-Lorent voltou para o exercito, e pediu a sua demissão, que com difficuldade obteve. Voou immediatamente dos tumultos da guerra para o valle solitário, para a habitação de Mira. Quando ahi chegou, a velha, a companheira de Mira, exalava o ultimo suspiro. Quem poderá descrever o prazer que sentiu a donzella ao ver o seu amante mais cedo ainda do que esperava, e ao ouvir-lhe dizer que vinha para nunca mais a deixar!

Passados os primeiros momentos de júbilo, resolverão os amantes celebrar o seu casamento sem demora, abandonar esta solidão e partir para o castello de Henrique. Durante os preparativos das nupcias, foi habitar Henrique na aldéa mais proxima em casa do moço a quem devia a ventura de ter conhecido Mira, e que agora era marido feliz e pai carinhoso. Poucos dias depois, uniu o vigário da aldéa os dous amantes; Mira fez presente da casa em que residira tantos annos, com tudo o que lhe pertencia, ao pobre, porém ditoso par, cuja cabana offerecera temporário asylo ao seu Henrique; e afastarão-se os jovens esposos do valle, levando comsigo somente o retrato de Miranda.

(*Continúa.*)

CHRONICA DOS SALÕES.

Eis-me tambem fazendo parte da collaboração do *Jornal das Senhoras*. Acolhida pela illustre Redactora, quando descrevi o ultimo baile da *Sylphide*, eis-me já arvorada em chronista dos nossos elegantes salões. Ainda bem! Desde já porém peço ás minhas amáveis leitoras que não se arrufem commigo; que não se agastem, se por ventura eu mal desempenhar a missão de que me hei incumbido, ou se por ahi descobrir algum segredinho que se deveria perder nas ultimas notas de uma arrebatadora valsa, ou nos harmoniosos compassos de uma bella schotisch.

Quem é que n'um salão de baile não tem segredos e mysterios, e principalmente nós — as moças? — As moças, sim! é verdade, ainda não vos disse que sou moça, e bem joven; e por isso tenho tambem meus segredinhos, e por consequência quando patentear um segredo de salão terei muita cautela, porque o mysterio é para mim a melhor belleza do bello sexo; fez-nos encantadoras, e segundo o que dizia um nosso poeta — o mysterio é o melhor incenso que se póde queimar á divindade, o mysterio embelleza tudo, o mysterio é a alma vivificadora do amor! — E todas nós devemos pensar assim, porque assim contribuiremos para a nossa felicidade.

Os nossos salões principião, com o inverno, a agitarem-se maravilhosamente: os bailes, pouco concorridos, na estação que passa, apresentam uma animação extraordinária; e a prova ahi está no ultimo baile da *Vestal*.

Quem no sabbado entrasse nos salões desta sociedade e os visse atapetados de elegante madamismo, acharia de certo a verdade da nossa asserção. A *Vestal* jámais deu um baile tão concorrido; era por demais encantadora a vida que por algumas horas se gozou ahi, e eu, confesso, que quando estou n'um baile esqueço-me de tudo, e só lembro-me desses prazeres que se gózão ao som dos instrumentos; e ao perfume das flores. A *Vestal*, sempre monótona e insipida, desta vez brilhou: estava como um lindo Céu esmaltado de estrellas — e muito rosto formoso, e muitos olhos travessos — ahi imperarão soberanamente; mas se me perguntarem quem foi a rainha do baile, não poderei de certo responder, porque erão tantas as bellezas da noite, que seria difficil uma preferencia; comtudo tornou-se digno de especial reparo o bom gosto dos *toilettes* da joven moreninha do campo — das duas bellas irmãs — da joven dos cachos — e da bella que no baile da *Sylphide* mereceu o improviso de um dos nossos conhecidos poetas.

Na segunda-feira seguinte assistimos a uma funcção, lá para as bandas da cadeia velha, em casa de uma autoridade policial, e, como de costume, dançou-se, cantou-se, jogou-se, e para maior brilhantismo dos gastrônomos, houve uma lauta ceia.

A reunião esteve luzida; encontrei por lá muitas das minhas amiguinhas da *Vestal* e da *Sylphide*, e algumas flores do bairro de S. Christovão; e fiquei apaixonada pela maviosa voz de um Anjo que nas harmoniosas notas de seu canto arrebatava com tanto encanto e doçura. Era o sabiá das nossas maltas cantando as bellezas do nosso Céu.

Uns annos e um baptisado motivarão esta funcção,

— 168 —

e os donos da casa distinguirão-se em obsequiar aos seus convidados.

E o baile dos militares na quarta-feira desta semana? Apesar da impertinente chuva de terça-feira, que faria medo á muita moça elegante, e da *implicante ordem sobre as calças*, o baile não esteve máo: não foi, como as mais vezes, bastante concorrido, pois que muitas das bellas flores faltarão; todavia esteve animado, e apparecêrão *toilettes* do mais apurado bom gosto; por exemplo, um vestido de tarlatana côr de flor de alecrim, com listras de seda e tres ordens de babados; um lindo *toilette* de escomilha azul, com folhos bordados de matiz e salpicos

brancos; os dous *tulle*-rosa, os de preto, e muitos outros que por lá havião, denotavão capricho e elegância na sua escolha.

O baile dos militares deixou saudades desta sua noite; muito mais que uma bella fluminense, a flor desses salões, pela ultima vez por ahi garbosa passeava, ostentando seus encantos, enquanto o vapor da companhia de Liverpool não nos vem roubar-a, para leval-a a abrilhantar os elegantes salões de Lisboa.

Basta de chronica. Tenho fallado como um deputado novo contando as eleições de sua província: alguma cousa deve ficar para o numero seguinte, é muito justo: para lá temos a *Campestre* e a *Sylphide*. E' verdade, uma bella noticia; a sociedade *Sylphide* dá agora os seus bailes nos brilhantes salões do *Club Fluminense*: já era tempo que uma tal sociedade de primeira ordem sahisse do pavilhão de pannos ensaboados. Mil graças á directoria!

E esta! e eu a contar tantas historias, sem me recordar que tenho hoje um jantar de annos na quinta do Caju, e á noite o primeiro baile da *Sylphide* no *Club*: minhas amáveis leitoras, até domingo.

Rio, 20 de Maio de 1854.

Francina Oscenia.

BOLETIM MUSICAL.

Ha muito que o *Jornal das Senhoras* não publica um *boletim musical*, e ainda que não sejamos a mais própria para um semelhante trabalho, ousamos comtudo escrever d'ora avante, alguma cousa a tal respeito.

Os nossos patrícios e patricias têm uma grande vocação para a sublime arte da musica; forçoso porém nos é confessar, que desgraçadamente desprezamos tudo quanto é nosso, e só apreciamos tudo o que é estranho, embora isso nos custe milhares de contos de réis. A musica brasileira collocada na sua verdadeira importância conceituaria-se, e haveria della utilidade; mas o que hão feito os nossos grandes *maestros*? Que proveito se ha colhido desse conservatorio de musica que dizem por ahi existir? Nada, inteiramente nada. Um máo fado persegue a tudo o que é do paiz: não nos faltão talentos, não nos faltão sublimes producções, mas por infelicidade nossa existe muito e muito — indifferentismo!

Mas que queremos nós agora? Por ventura seremos a palmatoria do mundo? Não; porém ao menos consinta-se este brado do nosso coração.

Na semana que corre, no mundo musical só appareceu o rondó final da opera *Cenerentola* de Rossini, que tão brilhantemente tem sido cantado pela prima-donna absoluta que agora impera no theatro lyrico fluminense (com licença do Sr. Provisório). Esta linda peça para piano e canto compõe o n.º 145 do *Brasil Musical*, e é um dos melhores pedaços dessa bella opera.

O n.º 146 desse jornal, que tambem se publicou nesta semana, contém a cavatina *Ernani* — *como raiada al cespite*, para piano e canto; e tambem é recommendavel pela belleza da composição.

O distincto patricio nosso o Sr. Horta deu-nos n'um destes dias mais um seu mimoso improviso. *A Marmota* publicou a *Engraçadinha*, valsa engraçada e bem linda, e que deve ser apreciada, como mais um lindo fructo do talento desse joven artista.

No *baile dos militares*, dado na quarta-feira, a banda de musica do 1.º batalhão de fuzileiros, dirigida pelo insigne Sr. Santos, tocou pela primeira vez a brilhante valsa — *Os Poetas Brasileiros* —, composição da distincta Mineira a Illma. Sra. D. Francisca Pinheiro de Aguiar. Esta senhora, conhecida pelo seu talento musical, ha por mais de uma vez demonstrado todo o gosto da arte nas suas differentes composições.

Ouvimos tambem esta semana tocar á linda quadrilha — *O Recreio Musical* —, composição do Sr. A. L. de Moura, e a achámos bem linda.

Por fallarmos no Sr. Moura, não podemos deixar de recommendar a sua casa — *Lyceu Musical* —, largo do Rocio n.º 79, á todos aquelles que da musica quizerem ter o bello e o sublime. Ali, uma porção de jovens brasileiros pedem protecção para uma arte que tem todas as proporções para no nosso paiz tocar ao alto gráo em que se a deve collocar.

Tambem se publicou esta semana a bella quadrilha — *Russiana* —, composição de Madame de Mattos. Estas contradanças são lindíssimas e animadoras, e desafião a vontade de dançar-se quando se as ouve.

Em musica, não se apresentou nenhuma outra novidade.

Até o numero que vem.

Joaninha.